

## **PARTE I**

### **Palavra de poeta**

## Palavra de poeta

### 1

#### O desencanto encantado: Manuel Bandeira

Iniciando o nosso percurso, ouçamos o que os poetas disseram sobre o processo criador. Manuel Bandeira<sup>1</sup>, no poema “Desencanto”, publicado em seu primeiro livro, *A Cinza das Horas*, declara:

Eu faço versos como quem chora  
De desalento ... de desencanto ...  
Fecha o meu livro, se por agora  
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente ...  
Tristeza esparsa ... remorso vão ...  
Dói-me nas veias. Amargo e quente,  
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústia louca  
Assim dos lábios a vida corre,  
Deixando um acre sabor na boca.

- Eu faço versos como quem morre.

Ou os fez para não morrer ou deixar-se melancolicamente morrer, em um ato de desistência simbólica. Porque *A afeiçoar teu sonho de arte, / Sentir-te-ás convaler. // A arte é uma fada que transmuta / e transfigura o mau destino.*

No estudo crítico estampado em *Testamento de Pasárgada*, Ivan Junqueira<sup>2</sup> assinala o movimento de integração do poeta em relação à dicotomia entre forma e conteúdo, estabelecendo entre os dois um *continuum*. Junqueira acrescenta que, ao realizar a indissolúvel comunhão entre poeta e poesia, entre o criador e a obra criada, “Bandeira se afirma enquanto autor moderno e até mesmo pós-moderno,

<sup>1</sup> BANDEIRA, Manuel. *Poesia Completa e Prosa*, P. 153.

<sup>2</sup> JUNQUEIRA, Ivan. *Testamento de Pasárgada*, p.105-106.

pois não raro retrocede do lirismo da persona para o lirismo pessoal, remetendo-nos assim àquele estado de vidência que caracteriza a iluminação rimbaudiana”.

Mantendo isto em mente, ou seja, a totalidade orgânica forma / conteúdo, a comunhão entre poeta e poesia, podemos dizer que a realização do poema, a sua construção, implica, indissoluvelmente, a ordenação emocional e psíquica do poeta. Ao ampliar e revolucionar as formas poéticas com as quais se expressava, Bandeira, como um artista verdadeiro, engaja-se em si mesmo, nas formas mais íntimas que emergiam dos desvãos de sua alma, clamando pelo lirismo “dos bêbedos”, dos “loucos”, “dos clowns de Shakespeare”, ou seja, o lirismo encarnado e medular, mas contido pelas formas lógicas do poema. No capítulo dedicado a Bandeira, este assunto será estudado em detalhe.